

ENTREVISTADO: JOSÉ CARLOS SOUZA ARAÚJO

TEMA: O POSITIVISMO NA PESQUISA NAS CIÊNCIAS HUMANAS



Vol. 13 Número Especial

Jul/Dez. 2017

Ahead of Print

João Carlos da Silva¹

RESUMO: Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), e Doutor em Educação na área de Filosofia e História da Educação, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), através da tese intitulada "Filosofia da Educação e Realidade Brasileira no Pensamento Pedagógico Marxista". Atua como professor e pesquisador com ênfase na área da Filosofia e História da Educação, bem como nas áreas da Pedagogia e da Didática. Desde 1979, tem trabalhado com a disciplina Filosofia da Educação, e desde 1997, também com História da Educação. Tem várias publicações vinculadas a tais áreas entre livros, capítulos de livro, artigos e trabalhos completos, além de participar como co-organizador de várias obras. É membro-fundador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação da Universidade Federal de Uberlândia, desde a sua emergência em setembro de 1990, quando se ampliou o grupo de pesquisa "História, Sociedade e Educação no Brasil" (Histedbr). É membro da Sociedade Brasileira de História da Educação desde a sua fundação em 2000, da qual foi Diretor Regional do Sudeste entre 2003 e 2007. Atualmente, está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, da qual é Professor Titular, como professor colaborador; integra também a Rede de Pesquisadores sobre Professores (as) do Centro-Oeste - REDECENTRO. Foi membro da Câmara de Assessoramento em Ciências Sociais, Humanas, Letras e Artes (SHA) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) entre 01/02/2007 e 31/01/2011. Além disso, atuou como pesquisador visitante, nível I, com o apoio do CNPq, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB), de março de 2009 a fevereiro de 2010. Entre janeiro e dezembro de 2012, foi pesquisador visitante na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), junto à Faculdade de Educação. Atualmente integra o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba (UNIUBE) como professor permanente.

¹ Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação/UNICAMP. Pós-doutorado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB. Atualmente é professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, no Colegiado de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em educação. É membro do Grupo de pesquisa HISTEDOPR- História, sociedade e educação no Brasil - GT Oeste do Paraná, Cascavel. E-mail: joao.silva@unioeste.br

Entrevistador: João Carlos da Silva

Professor José Carlos Souza Araújo, como podemos caracterizar a teoria do conhecimento denominada por Positivismo?

R: Um dos esteios da discussão em torno de uma teoria do conhecimento é o de situar a relação entre o *sujeito* que conhece e o *objeto* que é conhecido ou, simplesmente entre *sujeito* e *objeto*. Quando um dos dois é colocado no palco, isola-se um deles, quando não ocorre a submissão de um ao outro. Assim, o racionalismo, ao definir que a razão do *sujeito* é critério de verdade, o *objeto* torna-se intelectualmente decorrente do dizer do *sujeito*. Ou seja, este submete àquele.

No caso do Positivismo, sua epistemologia estabelece que o critério de verdade encontra-se no *objeto*, não permitindo que a ação do *sujeito* que conhece componha o processo e a constituição do conhecimento. Trata-se de se ater aos fatos, à observação etc.

Publicada em 1844, a obra, *Discurso sobre o Espírito Positivo*, de Auguste Comte (1798-1857), tinha por tarefa “[...] definir convenientemente o verdadeiro espírito fundamental dessa filosofia [Positivismo]” (COMTE, 1973, p. 49). Um ponto de partida fundamental de tal obra é de que “[...] quaisquer de nossas especulações estão inevitavelmente sujeitas, quer no indivíduo, quer na espécie, a passar sucessivamente por três estados teóricos diferentes [...]” (Ibidem, p. 49): 1º) Teológico, um estágio 'puramente provisório e preparatório', 2º) Metafísico, que tem 'destinação transitória', e 3º) Positivo, a constituir-se como 'regime definitivo da razão humana'.

Em tal arcabouço, encontra-se uma filosofia da história, que teria se expressado desde os tempos primitivos através dos estados teológico e metafísico. E contemporaneamente, ao tempo da emergência do Positivismo na primeira metade do século XIX, o estado positivo já estaria em processo de gestação para se configurar como triunfo da razão humana, de caráter científico, sobre as dimensões teológica (ou religiosa) e metafísica (ou filosófica).

É, por conseguinte, com esse arcabouço que o Positivismo considera o estado teológico voltado para especulações de caráter insolúvel, embora busque as causas essenciais, bem como a origem de todas as coisas. Embora atribua também características semelhantes ao estado metafísico, considera-o transitório, uma vez que se caracteriza por substituir os agentes sobrenaturais, próprios do estado teológico, por abstrações ou entidades metafísicas.

Entretanto, atribui ao estado metafísico o enfraquecimento da *imaginação* em benefício da *observação*, embora haja predomínio ainda da *argumentação* em detrimento da *observação*. Contrariamente, é com o advento processual do estado positivo que a *imaginação* cede espaço à *observação*, propiciando a submissão da primeira a esta. Nesse sentido, é com o processo de afirmação do estado positivo que se pode verificar a determinação das “[...] causas propriamente ditas pela simples pesquisa das *leis*, isto é, relações constantes que existem entre os fenômenos *observados*” (COMTE, 1973, p. 55).

Como se verifica, a *observação*, em termos teóricos em torno do conhecimento, sobrepõe-se à *imaginação*, o que propicia buscar e elaborar *leis* em torno dos diversos fenômenos. Não se trata, o que seria próprio do estado metafísico, de buscar as primeiras origens, mas de averiguar as mesmas assentadas numa apreciação sistemática.

Assim sendo, a base possível para o acesso ao conhecimento seria a *observação*, que permitiria enunciar fatos particulares ou gerais. Em tal direção, a *eficácia científica* seria uma decorrência, uma vez que se ativesse aos fatos observados. As *leis*, enquanto resultados da *observação*, se viabilizam pela busca de “[...] relações invariáveis de sucessão e de similitude. A explicação dos fatos resume-se de agora em diante na ligação estabelecida entre

os diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais [...]” (COMTE, 1973, p. 54).

Com esse diapasão, uma posição fundamental do Positivismo se expressa através da concepção de que o estudo das ciências implica em conhecer as leis resultantes dos fenômenos observados, desde que calçados no triunfo do estabelecimento de relações invariáveis: “[...] o verdadeiro espírito positivo consiste sobretudo em *ver para prever*, em estudar o que é, a fim de concluir disso o que será, segundo o dogma geral da invariabilidade das leis naturais” (p. 56).

Em suma, os níveis científicos expressos pela busca da descrição, da explicação e da interpretação – comente fundamentais para as ciências humanas – assumem com essa concepção de Comte também a *previsão* e a *prescrição*, uma vez que esta decorre da previsão fundada em leis científicas, conquistadas através da observação dos fenômenos estudados.

Qual a influência que o positivismo teve na pesquisa em ciências humanas?

R: É desde o interior desse quadro epistemológico, advindo da reflexão positivista, que as ciências humanas estiveram em processo de gestação e nascimento. A teoria do conhecimento de caráter positivista é uma construção da primeira metade do século XIX, coincidente com a trajetória de Auguste Comte (1798-1857). Está em evidência a emergência da Economia desde o final do século XVIII, a História (desde o século XIX, mas com embates propiciados pelo historicismo, pelo materialismo histórico, mas também pelo positivismo), a Psicologia, a Geografia, a Administração, a Antropologia, a Biologia (desde o século XVIII), a Sociologia, bem como a Pedagogia, como Ciência da Educação – já reivindicada por Herbart (1776-1841) na primeira metade do século XIX – que teve por concorrentes a Biologia, a Psicologia e a Sociologia, ciências estas que viriam a embasar a teorização escolanovista desde a última década do século XIX, através de William James (1842-1910) e de John Dewey (1859-1952). Estas três ciências também estarão constituindo as futuras Ciências da Educação, uma denominação dos anos de 1940, as quais vieram promover uma espécie de exílio à Pedagogia como Ciência da Educação.

As demarcações de caráter epistemológico passaram, por conseguinte, pelo horizonte positivista, a ditar perspectivas próprias das ciências naturais, a ponto de propor uma Física Social, uma denominação para a própria Sociologia. Tal perspectiva naturalista e fisicalista foi também enfrentada pela Fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938) a partir de 1900. Como se observa, embates filosóficos e científicos estiveram na berlinda – a um só tempo entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX: historicismo, positivismo, psicologismo, determinismos científicos, biologismo, evolucionismo, fenomenologia, materialismo histórico etc.

A orientação epistemológica positivista fez valer suas marcas no campo político, social, científico e educacional. Seu projeto de sociedade está demarcado pela legitimação da sociedade industrial, seja pela herança comteana da Primeira Revolução Industrial emergente nos meados do século XVIII, seja pela convivência de Auguste Comte com a emergência da Segunda Revolução Industrial nos meados do século XIX.

Entre as demandas de caráter iluminista, das quais Comte recebe um legado, encontra-se a concepção de progresso, emergente nos meados do século XVIII na França. Em tal concepção, encontra-se uma das balizas de seu lema, ordem e progresso. Em 1848, funda ele a Associação Livre para a instrução positivista do povo em todo o Ocidente europeu; e em 1849, vem a público a teoria e a prática da Religião da Humanidade; e nesta, circunscreve-se a fórmula sagrada do positivismo: “O amor como princípio e a ordem como base; o progresso como objetivo”. É esse o sentido da bandeira brasileira: Ordem e Progresso.

No campo científico e educacional, as marcas do Positivismo estarão em evidência

no movimento da Escola Nova, cujas raízes também se encontram associadas ao mesmo. Entre os teóricos de tal movimento, o Positivismo não pode ser desmerecido como pano de fundo teórico e epistemológico, uma vez que suas marcas estarão nos fundamentos biológicos – e destes decorrentes, os psicológicos e os sociológicos – os quais se constituem no tripé científico da Escola Nova. Com alguns analistas, pode-se afirmar que ao lado de um Positivismo de caráter político, tais marcas científicas seriam expressões de um Positivismo Ilustrado, a percorrer por várias décadas do século XX. Várias teorias-robô estarão se manifestando em alguns campos científicos, constituindo-se inclusive como tendências inspiradas ou decorrentes da epistemologia positivista.

O positivismo ainda tem lugar na pesquisa atual?

R: Quando à presença do Positivismo no campo da pesquisa educacional, suas manifestações são diversas, mas são de caráter variado. Um exemplo, talvez fundamental, seja a resistência da área da Educação às denominadas pesquisas qualitativas, advindas e influentes como são a História Oral, a História de Vida, a Etnografia, as fundadas em narrativas, em biografias, em orientações antropológico-culturais etc. Tais aspectos somente iniciaram seus acenos à pesquisa educacional a partir dos anos de 1980.